



AS CAMISOLAS POVEIRAS:

ESTUDO ETNOGRÁFICO E PROPOSTA DE
CRIAÇÃO DE IDENTIDADE VISUAL

AS CAMISOLAS POVEIRAS:

ESTUDO ETNOGRÁFICO E PROPOSTA DE
CRIAÇÃO DE IDENTIDADE VISUAL

ANA MARÍLIA SANTOS

MESTRADO DESIGN DA IMAGEM

FACULDADE DE BELAS ARTES

UNIVERSIDADE DO PORTO

2022

ORIENTADOR: PROFESSOR HEITOR ALVELOS

CO-ORIENTADOR: DOUTOR ABHISHEK CHATTERJEE

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao meu professor orientador Heitor Alvelos que me encaminhou para este projeto, iluminando-me as ideias para trabalhar com algo que me deixa realizada. Agradeço também ao coorientador Doutor Abhishek Chatterjee por me ter apresentado o artigo de investigação sobre a indústria do calçado que certamente foi uma base para começar o meu projeto. Duas pessoas bastante importantes para esta investigação foram a Doutora Deolinda Carneiro, diretora do Museu Etnográfico da Póvoa de Varzim e a senhora Cármen Flores, responsável por me ensinar a tricotar alguns pontos das camisolas poveiras ao qual deixo também o meu agradecimento pelas conversas e tempo disponibilizado para me ajudar na investigação.

Outro agradecimento muito especial é dirigido aos meus amigos que nunca me deixaram desistir e sempre me deram força para continuar quando passava por uma fase menos boa, Joana, Bela, Rúben e Zé.

Por último, mas dos mais importantes agradeço aos meus pais por me terem proporcionado este momento e principalmente à minha mãe que sempre me ajudou a ter força e me fez todas as refeições para que pudesse trabalhar e ao mesmo tempo dedicar-me a este projeto.

RESUMO

Este relatório de projeto apresenta uma breve investigação da história das camisolas poveiras e posteriormente analisa o acontecimento entre a designer de moda norte americana, Tory Burch, e que impacto teve para as artesãs poveiras. O projeto identifica-se como uma identidade visual que tem como objetivo ajudar no reconhecimento deste artesanato tradicional pelo valor que possui e não pelo incidente. Com este projeto quero abrir as portas a faculdades que lecionam design um novo horizonte que pode incentivar os alunos a ter melhores resultados se trabalharem diretamente com os produtores.

Palavras-chave: Camisolas Poveiras, Artesanato, Design de Comunicação, Identidade Visual, Apropriação Cultural

ABSTRACT

This project report presents a brief investigation of the history of the Camisolas Poveiras (traditional sweaters from Póvoa de Varzim, Portugal) and later analyzes the event between the North American fashion designer, Tory Burch, and what impact it had on the artisans from Póvoa de Varzim. The project identifies itself as a visual identity that aims to help in the recognition of this traditional handicraft for the value it has and not for the incident. With this project I want to open the doors to faculties that teach design a new horizon that can encourage students to have better results if they work directly with producers.

Keywords: Camisolas Poveiras, Crafts, Communication Design, Visual Identity, Cultural Appropriation

PREFÁCIO

Quando o trabalho final começou a ser assunto nas aulas do mestrado eu tinha na minha mente que queria explorar a modalidade de estágio visto que na licenciatura não tive essa oportunidade e era uma experiência diferente para abastecer o meu currículo. Pesquisei algumas possibilidades, até a incubadora de empresas da Universidade do Porto (UPTEC), mas infelizmente não surgiram empresas no ramo da moda para abordar. Desde o começo eu tinha noção que queria trabalhar com algo que me deixasse realizada que no caso é o design de moda. Em conversa de aula o meu professor levantou a questão de trabalhar com as camisolas poveiras, visto que, o tema estava no ar devido ao incidente com a estilista norte americana, Tory Burch. Resolvi investigar sobre as camisolas e decidi ir para a frente com este tema.

Como a hipótese de estágio não estava descartada contactei a Câmara Municipal da Póvoa de Varzim para uma reunião e explicar o meu projeto e as minhas intenções. Nessa reunião tive a oportunidade de falar com a Vereadora do Turismo, Dr.^a Lucinda Delgado, que se mostrou logo disposta a fazer essa colaboração e para mantermos contacto. Em conjunto com o meu professor orientador tentamos diversas vezes contactar, para futuras reuniões, para formalizar o estágio curricular, mas sem sucesso. As tentativas foram tantas que acabei por desistir da ideia do estágio e alterei para a modalidade de projeto visto que já tinha algum trabalho feito e pelo facto de também gostar do tema que estava a investigar e do projeto que iria resultar. Todo o trabalho presente neste relatório foi de trabalho próprio ao qual me desloquei à Póvoa de Varzim para pesquisas para que pudesse concluir a investigação.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	9
2. ESTADO DE ARTE	11
2.1. AS CAMISOLAS POVEIRAS	11
2.1.1. <i>História</i>	11
2.1.2. <i>A siglas poveiras</i>	14
2.2. AS CAMISOLAS POVEIRAS E TORY BURCH	17
2.3. FORMAS DE APROPRIAÇÃO	20
3. METODOLOGIA	24
3.1. TRABALHO DE CAMPO.....	24
3.2. ENTREVISTAS	26
4. CONCEÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO PROJETO	27
4.1. DESCRIÇÃO DO PROCESSO.....	27
4.1.1. <i>Processo criativo</i>	27
4.1.2. <i>Experiências</i>	28
4.2. DESCRIÇÃO DO RESULTADO FINAL	32
5. CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS.....	38

ÍNDICE DE FIGURAS

sFigura 1 Camisola Poveira: Francisco do Pata, Séc. XX (1ª metade), Marília Santos 2022	9
Figura 2 Um Pescador da Póvoa de Varzim, Pedrozo, Gravura, 1868.....	11
Figura 3 Agence de presse Meurisse (francês). As tenistas francesas Suzanne Lenglen e Julie Vlasto em Cannes, Louis Meurisse, 1926	12
Figura 4 Eduardo, Príncipe de Gales, Capitão do Royal and Ancient Golf Club de St Andrews. Óleo sobre tela de William Orpen (Irlandês, 1878-1931), Escócia, 1927	12
Figura 5 José da Silva Braga, o Tio Peroqueiro, Fotografia da Neta, 1913	12
Figura 6 Brasão da Póvoa de Varzim	13
Figura 7 Camisola poveira "Francisco Pata". Século XX (1ª metade). Lã de ovelha na cor natural, bordada a vermelho e preto. Oferta: Rancho Poveiro, Marília Santos, 2022....	13
Figura 8 Detalhe de sigla numa camisola poveira, Marília Santos, 2022	13
Figura 9 Porta da capela de Nª Senhora da Bonança, Séc. XIX, Marília Santos, 2022....	14
Figura 10 Runas Viking, captura de ecrã, 2022	15
Figura 11 Siglas Poveiras, captura de ecrã, 2022	15
Figura 12 Hierarquia das siglas, captura de ecrã, 2021.....	15
Figura 13 Porta da Capela da Nossa Senhora da Bonança, Fão, Esposende, Século XIX, Marília Santos, 2022.....	16
Figura 14 Inspiração das siglas, Marília Santos, 2022	16
Figura 15 Procedência dos migrantes lusitanos que constituíram família ou tiveram descendentes na freguesia de Seridó, Brasil, captura de ecrã do artigo do Rafael Arnoni, 2022.....	16
Figura 16 Marcas da família de Manuel Fidélis, captura de ecrã do artigo do Rafael Arnoni, 2022.....	16
Figura 17 Camisola feita nas formações das camisolas poveiras no Museu da Póvoa de Varzim, Marília Santos 2021	17
Figura 18 Camisola poveira azul, captura de ecrã do Google, 2022	18
Figura 19 Imagem da revista National Geographic, Vol 73, nº2, Fevereiro de 1938, fotografia tirada no arquivo, Marília Santos, 2021	18
Figura 20 Grace Kelly vestindo uma camisola poveira, 1968, captura de ecrã do site da CMPV, 2022.....	18
Figura 21 Imagem retirada do website da estilista Tory Burch, 2021.....	18
Figura 22 Imagem retirada do website da estilista Tory Burch alterada para inspirações da Póvoa de Varzim.....	18
Figura 23 Pedido de desculpas da estilista Tory Burch na sua rede social Twitter, captura de ecrã, 2021	19
Figura 24 Referência da série de filmes Hobbit no genérico da série Simpsons, 2013, captura de ecrã, 2022	21
Figura 25 Referência ao filme Power of ten de 1977 no genérico da série Simpsons, 2004, captura de ecrã, 2022	21
Figura 26 Imagem original do filme Power of ten, 1977, captura de ecrã, 2022	21
Figura 27 A Pequena Dançarina de Catorze anos de Degas, 1881 e Nu em Pé de Picasso, 1907	21

Figura 28 Théodore de Banville, poeta francês do século XIX, autor desconhecido.....	21
Figura 29 Imagem retirada da rede social Instagram da artista Tuesday Bassen onde mostra as cópias feitas pela marca de vestuário Zara, 2016	22
Figura 30 Comparação entre Shein e Pangaia (Zouitina, 2021), captura de ecrã, 2022	22
Figura 31 Comparação entre H&M e Pangaia (Zouitina, 2021), captura de ecrã, 2022.	22
Figura 32 Grupo de pessoas que frequentavam as formações. Marília Santos, 2022 ...	25
Figura 33 Detalhe de pontos de tricô das camisolas poveiras. Marília Santos, 2022	25
Figura 34 Detalhe de ponto das camisolas poveiras, que aprendi. Marília Santos, 2022	26
Figura 35 Detalhe de ponto das camisolas poveiras, que aprendi. Marília Santos, 2022	26
Figura 36 Estudo sobre um possível logo	28
Figura 37 Estudo sobre as runas Vikings e seus significados.....	28
Figura 38 Imagem da primeira experiência do logo.....	29
Figura 39 Primeira experiência na junção de todos os elementos.....	30
Figura 40 Esboço inicial do website	31
Figura 41 Captura de imagem do Website.....	33
Figura 42 Captura de imagem do Website.....	34
Figura 43 Captura de imagem do Website.....	34
Figura 44 Captura de imagem do Website.....	34
Figura 45 Captura de imagem do Website.....	35
Figura 46 Captura de imagem do Website.....	35
Figura 47 Captura de imagem do Website.....	35

1. INTRODUÇÃO



Figura 1 Camisola Poveira: Francisco do Pata, Séc. XX (1ª metade), Marília Santos 2022

A presente dissertação decorre do trabalho desenvolvido no âmbito de um projeto em parceria com as camisolas poveiras e o Museu da Póvoa de Varzim e pretende fazer um estudo etnográfico, que relata as origens deste traje tradicional assim como aborda as diferentes formas de apropriação, pois esta investigação surgiu pelo incidente com a estilista norte-americana Tory Burch.

A pergunta de investigação deste relatório é “Como o design de comunicação pode ajudar As Camisolas Poveiras a serem reconhecidas na área do vestuário? Com este relatório pretendo mostrar o desenvolvimento de uma identidade visual para que as camisolas poveiras sejam reconhecidas pela sua tradição e pelo valor cultural, não pelo incidente com a designer. No capítulo 4 está apresentado o projeto desta identidade visual onde visei a tradição e também o valor sentimental que esta tradição tem para as artesãs. Procurei que em cada camisola estivesse representada a assinatura da artesã que produziu certa camisola. Ter esta representação era importante para este projeto e para mim, eu tinha a necessidade de aceitação destas senhoras, tinha a necessidade de que elas se sentissem representadas e incluídas nesta arte.

“O setor do artesanato é um setor que contribui para a afirmação da identidade dos locais e regiões, sendo Portugal um país que dispõe de várias tradições valiosas, património de conteúdo criativo. Todavia, este conteúdo está a desaparecer junto dos seus mestres, tanto pela falta de pessoas para aprender o ofício, quanto pelas mudanças nos locais e produção local de certos materiais, (...)”. (Rodrigues, 2020)

2. ESTADO DE ARTE

2.1.As camisolas poveiras

2.1.1. História



Figura 2 Um Pescador da Povoação de Varzim, Pedrozo, Gravura, 1868

A camisola poveira é uma camisola feita de malha com bordados a ponto de cruz pretos e vermelhos tradicionalmente da zona da Póvoa de Varzim. A sua origem remete-nos para o século XIX (ver figura 2) ao qual nesta época este tipo de camisola apenas servia como agasalho tendo sempre outra peça para a cobrir. Para os pescadores tratava-se de uma peça prática e confortável para o seu trabalho usando a camisola como peça exterior, assim como era comum usarem apenas as ceroulas quando iam para o mar. (Carneiro, 2021)

Estas camisolas têm a particularidade de quando a lã¹ fica molhada consegue manter o calor evitando que os pescadores resfriassem com as correntes do alto mar.

A moda de usar malha como uma peça exterior surgiu no final do século XIX e inícios do século XX com as práticas desportivas inicialmente de ténis e golfe² e mais tarde o atletismo.

A lã usada para a produção das camisolas poveiras vinha da zona da serra da estrela por haver grande produção de gado ovino, mas como a extração de lã só acontecia no outono havia alguma escassez de matéria-prima, desde então a produção de lã começou a ser feita localmente em Azurara. A tarefa de tricotar as camisolas era feita pelas mulheres da casa, por ser considerada uma tarefa feminina, mas com a necessidade de várias mudas de roupa começaram a ser comercializadas e então compradas pelos pescadores. A tradição dos bordados nas camisolas começou com os próprios pescadores mais antigos, que já não tinham capacidade de ir para o alto mar, como forma de passatempo enquanto esperavam pelas embarcações. Inicialmente os elementos bordados eram corações, pássaros e flores, pois eram os elementos mais usados nos bordados portugueses³ na época e consecutivamente bordavam o brasão de família na manga das camisolas⁴.

¹ A lã até chegar ao fio para ser tricotada passa pela tosquia do ovino de seguida é lavada para ser retirada toda a gordura natural do animal, depois da secagem a lã é escovada para ser colocada na roca para se obter o fio.

² Práticas desportivas- Ténis e Golfe



Figura 3 Agence de presse Meurisse (francês). As tenistas francesas Suzanne Lenglen e Julie Vlasto em Cannes, Louis Meurisse, 1926

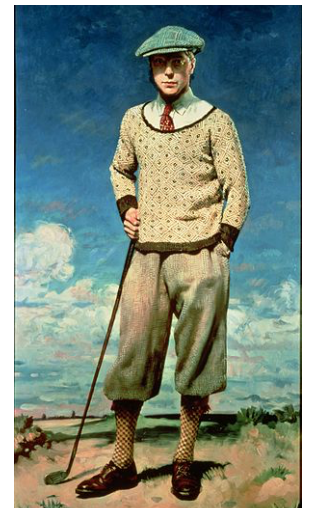


Figura 4 Eduardo, Príncipe de Gales, Capitão do Royal and Ancient Golf Club de St Andrews. Óleo sobre tela de William Orpen (Irlandês, 1878-1931), Escócia, 1927

³ As cores dos bordados (preto e vermelho) eram as cores tradicionais da Península Ibérica já nos séculos XIV e XV porque os pigmentos eram mais fáceis de se obter.

⁴ Primeiras imagens da camisola poveira

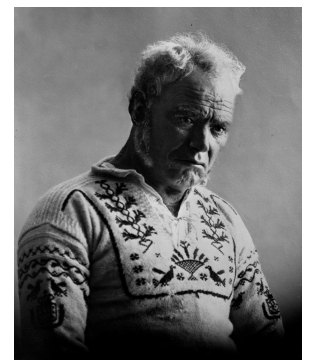


Figura 5 José da Silva Braga, o Tio Peroqueiro, Fotografia da Neta, 1913

Mais tarde Santos Graça⁵ repescou estas camisolas tradicionais para o rancho folclórico e pelo facto de terem tido que mandar fazer mais camisolas optaram por inserir novos elementos como barcos e âncoras (esta faz parte do brasão da Póvoa de Varzim⁶).

A partir da década de quarenta é que as camisolas começaram a ser comercializadas com motivos mais apelativos ao seu consumo como motivos náuticos e surgiram nomes bordados nas camisolas devido ao rancho folclórico assim como algumas siglas como forma de marcação e assinatura própria⁷. (Carneiro, 2021)

⁵ António dos Santos Graça (1882-1956) foi um jornalista, escritor e etnógrafo poveiro que foi responsável pela criação do rancho folclórico da Póvoa de Varzim formado por pescadores locais.

⁶ Brasão da Póvoa de Varzim



Figura 6 Brasão da Póvoa de Varzim



Figura 7 Camisolas bordadas (metade). Lã de ovelha na cor natural, bordada a vermelho e preto. Oferta: Rancho Poveiro, Marília Santos, 2022



Figura 8 Detalhe de sigla numa camisola poveira, Marília Santos, 2022

2.1.2. A siglas poveiras



Figura 9 Porta da capela de N^a Senhora da Bonança, Séc. XIX, Marília Santos, 2022

Para os investigadores que começam a investigar sobre as siglas poveiras é natural que relacionem com as runas vikings devido à estética semelhante⁸. Foi em 844 que os Vikings chegaram à Península Ibérica e o primeiro ataque em território português acontece no final de agosto desse mesmo ano em Lisboa. (Cipriano, 2017)

“Os vikings eram “nórdicos que se dedicavam à atividade marítima — à pirataria, ao comércio ou a um misto dos dois”. “Não eram um povo à parte, eram uma parte da sociedade nórdica.” Hélio Pires (Cipriano, 2017)

Como este povo era conhecido pela destruição excessiva e não havendo registos que a zona norte do país tenha sido afetada calcula-se que os vikings não tenham passado pela Póvoa de Varzim daí estar descartado o facto das siglas poveiras terem influência nórdica.

As siglas surgiram como uma assinatura individual de cada pessoa nomeadamente os pescadores para conseguirem identificar os seus instrumentos de trabalho, visto que, nessa época muita gente era analfabeta, criaram traços personalizados identificando cada pescador como se fosse uma assinatura. Cada progenitor que gerasse um filho homem, esse filho continuava com a sigla do pai acrescentando um traço e assim por diante, o último filho era o filho herdeiro que tinha o dever de cuidar dos pais e por isso recebia a sigla original do pai⁹. (Carneiro, 2021)

"O chefe usa a marca brasão; o filho mais velho põe-lhe ao lado um pique; o outro a seguir, dois piques; o outro três piques e assim sucessivamente até ao filho mais novo, que volta a usar a marca de família, porque é o seu legítimo herdeiro. Estes piques são agrupados de formas diferentes: umas vezes, são alinhados;

8

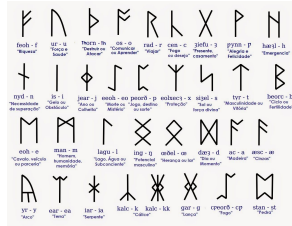


Figura 10 Runas Viking, captura de ecrã, 2022

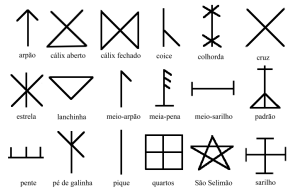


Figura 11 Siglas Poveiras, captura de ecrã, 2022

9

Pae	1º FILHO	2º FILHO	3º FILHO	4º FILHO	FILHO MAIS NOVO HERDEIRO

Figura 12 Hierarquia das siglas, captura de ecrã, 2021

outras vezes, formam cruzes e estrelas; outras vezes, grades, conforme o número de piques.” (Graça, 1998)

Todas as marcas que vemos em igrejas, pedras, portas¹⁰ era uma forma de marcar o espaço para identificar que certa pessoa esteve lá (como nos dias de hoje temos os grafitis e na pré-história as pinturas rupestres).

Mais tarde as marcas foram simbolizando objetos do quotidiano¹¹ e tornou-se uma linguagem escrita. Começaram a ser mais utilizadas na sociedade em geral através das vestes do rancho folclórico pois até então apenas os pescadores usavam essa linguagem.

Este tipo de siglas/marcas não é um costume apenas português, pois por ser de fácil leitura e por ter traços muito simples acaba por ser um tipo de linguagem que muitos outros povos usavam, que é o caso das marcas de gado do nordeste brasileiro, a escrita ibérica ou nos países nórdicos, as runas Vikings.

Numa entrevista com o investigador Rafael Arnoni pude analisar que é comum serem usadas siglas ou marcas para identificar coisas como objetos ou gado. Como grande parte da população nordestina é analfabeta¹² tiveram de recorrer a outro método de identificação para facilitar o reconhecimento através de imagens gráficas.

*“Levanta-se a hipótese de que as Siglas Poveiras foram levadas ao nordeste brasileiro por colonizadores da região de Póvoa de Varzim, sendo adaptadas às necessidades dos criadores de gado e adquirindo uma dinâmica própria de transmissão (...) registram a migração de descendentes portugueses das regiões do Minho e Douro a partir da primeira metade do século XVII para a região do Seridó.”*¹³ (Arnoni, 2022)

Os brasileiros inspiraram-se na forma que iriam proceder à herança das siglas¹⁴, acrescentando algum elemento à sigla original da mesma maneira que os poveiros o fizeram.

10



Figura 13 Porta da Capela da Nossa Senhora da Bonança, Fão, Esposende, Século XIX, Marília Santos, 2022

11



Figura 14 Inspiração das siglas, Marília Santos, 2022

¹² Metade da percentagem total de analfabetos do Brasil pertence ao Nordeste brasileiro, sendo assim o estado com maior número de analfabetos no país.

13

Região	Procedência em Vila	Patronagem
Açores	S. Vicente de Fora (descendentes de S. Miguel)	Padroado de Vila Rica e de São Paulo de Matheus Matos
	Ilha de S. Miguel (sem indicações)	João Jacinto de Sá, José Tavares da Costa, António Garcia de Sá e Manuel Pereira Bello
Sulão (Braga*)	Ilha de S. Jorge e matriz da mesma	Manuel Vitor do Espírito Santo
	Bragança	João Duarte Costa
	Vila da Vinha	João Baptista de Carvalho
	Vila de Lameira	António de Aguiar Pereira
	Sem indicação	António de Aguiar Sá
Douro (Porto*)	Santa Tereza	Manuel Pereira de Sousa
	S. Vicente de Lameira	João Pereira dos Santos
	S. Sebastião, Vila da Foz	Manuel Pereira de Sousa
	Santa Maria de Aguiar	Manuel e Rodrigo Gonçalves de Sá
	Vila da Foz	António Francisco Pereira
Extremadura	Beirade de Lameira	Manuel Rodrigues da Silva
	Santa Maria de Lameira	Benedictino dos Santos
	Parque de Lameira	António da Rocha Gomes

Figura 15 Procedência dos migrantes lusitanos que constituíram família ou tiveram descendentes na freguesia de Seridó, Brasil, captura de ecrã do artigo do Rafael Arnoni, 2022

14

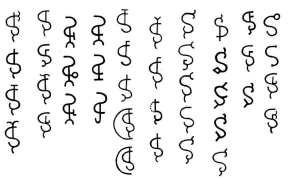


Figura 16 Marcas da família de Manuel Fidélis, captura de ecrã do artigo do Rafael Arnoni, 2022

2.2. As camisolas poveiras e Tory Burch



Figura 17 Camisola feita nas formações das camisolas poveiras no Museu da Póvoa de Varzim, Marília Santos 2021

No século XX as camisolas tinham um único propósito, manter a temperatura corporal da população e porventura aquecer os pescadores que iam para o mar, sendo a lã uma matéria-prima natural tinha essa propriedade de aquecimento mesmo estando molhada. Hoje em dia não há tanto essa necessidade de manter os pescadores aquecidos porque há outros métodos que não existiam há cem anos atrás.

O propósito da continuação da confeção das camisolas poveiras é maioritariamente cultural e tradicional para não deixar morrer esta tradição tão poveira. Por este motivo as camisolas foram-se adaptando aos gostos da sociedade atual, as cores das camisolas deixam de ser unicamente beges e passam a ser do gosto de cada um como azuis ou cinzentas¹⁵, desta forma, o comércio e a tradição mantêm-se.

Para os poveiros as camisolas são um bilhete de identidade da Póvoa de Varzim. Em 1938 as camisolas foram alvo da atenção da National Geographic¹⁶, em 1968 terá sido vestida pela atriz e princesa do Mónaco Grace Kelly¹⁷, nos anos sessenta havia uma loja que comprava a artesãs locais para exportar para vários países. As camisolas poveiras deixaram de ser conhecidas localmente e com a publicidade que foi gerando noutros países chamou a atenção da estilista norte americana que em março de 2021 colocou à venda no seu website uma camisola de lã sintética visualmente idêntica às camisolas poveiras¹⁸, mas alegando ter inspirações mexicanas. Mais tarde reconheceu e alterou a descrição da peça de roupa para inspirações poveiras.¹⁹ (Freitas, 2021)

Tory Burch aproveitou-se da tradição poveira e colocou à venda camisolas com um valor dez vezes superior às camisolas originais. Ao contrário das camisolas da estilista as camisolas poveiras são tricotadas manualmente contando com uma média de cinquenta horas de trabalho e ao preço que as artesãs a vendem quase que não chega a um euro por hora de lucro.

15



Figura 18 Camisola poveira azul, captura de ecrã do Google, 2022

16



Figura 19 Imagem da revista National Geographic, Vol 73, nº2, Fevereiro de 1938, fotografia tirada no arquivo, Marília Santos, 2021

17



Figura 20 Grace Kelly vestindo uma camisola poveira, 1968, captura de ecrã do site da CMPV, 2022

18

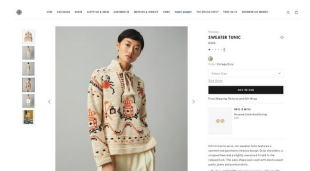


Figura 21 Imagem retirada do website da estilista Tory Burch, 2021

19

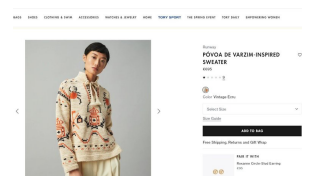


Figura 22 Imagem retirada do website da estilista Tory Burch alterada para inspirações da Póvoa

Ainda há bastantes pessoas a viver deste artesanato e como as camisolas vendidas são maioritariamente compradas por estrangeiros que ficam encantados por esta arte quase ninguém na terra as compra por também não terem carteira para elas e por isso o que lhes vale às vezes são as peças mais pequenas que por serem mais baratas e mais rápidas de tricotar são mais vendidas. (Freitas, 2021)

“(...) a mulher que só faz camisolas “por amor à camisola”, pois para ganhar dinheiro, explica, tem é que se dedicar a peças mais pequenas, adereços de vários tipos inspirados nelas que, esses sim, mais acessíveis aos bolsos dos clientes e fáceis de fazer, lhe dão de comer. “Se vivesse das camisolas já teria morrido de fome”. (Freitas, 2021)

Para evitar ter de responder judicialmente por plágio a estilista decidiu retirar as camisolas do website e posteriormente comunicou na sua página da rede social Twitter²⁰ um pedido de desculpas aos portugueses pela atitude que quase a levou a ter um processo erguido pelo governo português.

20

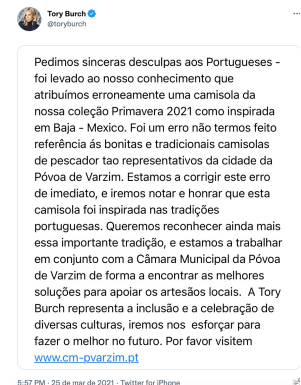


Figura 23 Pedido de desculpas da estilista Tory Burch na sua rede social Twitter, captura de ecrã, 2021

2.3. Formas de apropriação

Todos nós em algum momento do cotidiano já nos deparamos com alguma situação em que não conseguimos identificar que tipo de apropriação está a acontecer. Se é apropriação cultural, homenagem a um artista, inspiração de uma obra ou mesmo plágio, copiando totalmente uma obra e fingir que ninguém vai notar que não é original.

A apropriação cultural majoritariamente das vezes está ligada à cultura negra porque ao longo dos séculos este povo esteve sempre ligado à escravidão, massacre de extremas direitas e por este motivo são conhecidos pela minoria. Devido a esta realidade “(...) a apropriação cultural, no que depender da sua conservação, consistirá sempre na adoção de elementos específicos de outra cultura, incluindo símbolos, objetos e penteados(...)” (Ramos, 2021) e utilizados erroneamente acaba por se tornar ofensivo para este povo dependendo de que comunidade se está a apropriar. Desta forma volta e meia deparamo-nos com uma notícia que ativistas antirracistas da cultura negra criaram um tumulto porque alguém desrespeitou a sua cultura.

Homenagem é um tributo feito a um artista ou obra e pode ser confundido com plágio porque acaba por usar a imagem original para prestar essa consagração. Quando há uma grande admiração pelo trabalho de um artista, outros artistas acabam por retirar da obra original para colocarem nas suas novas obras identificando sempre que é uma homenagem senão pode ser identificado como plágio erradamente. Há vários exemplos artísticos em que o objetivo é prestar tributo e mostrar que a obra ou artista a homenagear tem um valor significativo. Para os fãs de comédia para adultos temos um grande exemplo nos genéricos dos Simpsons, há vários episódios em que pegam em referências históricas e usam nos seus genéricos, como por exemplo, usar a referência do Hobbit²¹ ou algo mais histórico como uma referência

de 1977, Powers of ten²². O conceito de homenagem apenas é aceite se realmente houver referência direta ao artista ou obra, podendo sim ser alterada, mas não identificada como obra original. (Ramos, 2021)

“Não existe uma ideia nova. É impossível. Nós simplesmente pegamos em várias ideias antigas e colocamo-las numa espécie de caleidoscópio mental. Damos-lhes uma volta e fazem-se novas e curiosas combinações. Continuamos girando e fazendo novas combinações indefinidamente; mas são os mesmos velhos pedaços de vidro colorido que têm sido usados por todas as eras.” (Twain, 1906)

O ser humano tem um mecanismo de se inspirar em coisas mesmo sendo de forma inconsciente, um exemplo disso é que quando sonhamos nenhum de nós tem a capacidade de inventar um rosto. Estamos programados para viver à volta da inspiração, mas inspiração não é o contrário de falta de originalidade, porque mesmo com inspirações podemos criar sempre algo novo. Um exemplo disso é Pablo Picasso, quando se inspirava nas obras de Degas²³ para começar a criar o que conhecemos hoje por Cubismo.

Já o plágio é o contrário de tudo o que foi referido anteriormente, o plágio é o ato de assinar, apresentar e publicar uma obra intelectual de natureza literária, científica ou artística (texto, música, obra pictórica, fotografia, obra audiovisual, entre outras), em partes ou na íntegra, cuja autoria pertença a outra pessoa, sem que haja a permissão do autor, no caso de obras com direito reservado, ou reconhecimento da fonte, no caso de obras públicas. Portanto, comete plágio quem se apropria indevidamente da obra intelectual de outra pessoa, assumindo a autoria. (Plágio, 2021)

Um exemplo prático do que é o plágio é a frase anterior, eu poderia continuar o texto e não referir que a frase foi retirada do

21



Figura 24 Referência da série de filmes Hobbit no genérico da série Simpsons, 2013, captura de ecrã, 2022

22



Figura 25 Referência ao filme Power of ten de 1977 no genérico da série Simpsons, 2004, captura de ecrã, 2022



Figura 26 Imagem original do filme Power of ten, 1977, captura de ecrã, 2022

23

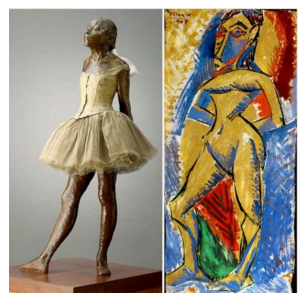


Figura 27 A Pequena Dançarina de Catorze anos de Degas, 1881 e Nu em Pé de Picasso, 1907

24

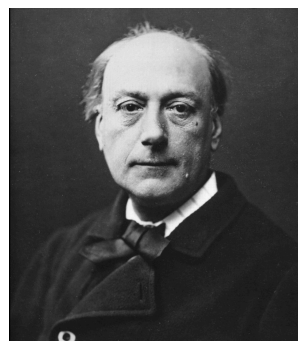


Figura 28 Théodore de Banville, poeta francês do século XIX, autor desconhecido

Wikipedia, estaria a ser desonesta. Mas o plágio nem sempre foi visto como algo pejorativo. “Para Théodore de Banville²⁴, o plágio durante a Renascença não só era uma coisa permitida, como honrosa e recomendável.” (Magaiver, 2018)

Falando de plágio na indústria da moda infelizmente é algo muito recorrente, grandes indústrias roubam ideias de criadores com menor alcance e com pouca visibilidade e porquê? Porque a moda rápida ou como é conhecida pelo seu termo original *fast fashion* já como a própria palavra diz tem de ser rápida, ou seja, têm de estar sempre a haver atualizações, novas coleções, novas *trends*²⁵ e os criadores dessas marcas de grande visibilidade acabam por ficar com ideias escassas e sentem a necessidade de procurar em outros horizontes. Pobres daqueles que não tem possibilidade de recorrer legalmente contra essas marcas por causa do enorme alcance que têm. Aí está a grande razão para os preços serem muito inferiores aos preços de pequenas indústrias pois vendem rápido e em muita quantidade.

“Os plágios ou cópias que essas marcas produzem em massa geralmente são feitos a partir de designs de pequenas marcas independentes ou emergentes. Isso faz com que a arte e a intenção dos ditos designers emergentes não sejam valorizadas, pois não recebem crédito pelo seu trabalho, mas sim outra marca se beneficia pelo simples fato de ser “maior” e mais acessível ao público²⁶” (Tradução própria) (Zouitina, 2021)

Uma dessas empresas é a conhecida Zara que já armazenou bastantes processos por plágio de peças originais. Uma dessas lesadas é a artista *Tuesday Bassen*, uma ilustradora que acusa a gigante comercial de copiar as suas ilustrações²⁷ para proveito próprio para vender para os seus consumidores.

“Quem teria pensado que seu modelo de negócios era ter preços baratos o suficiente para que até mesmo uma estudante desempregada no secundário pudesse encher sua conta do Instagram com fotos de biquíni minúsculas? ²⁸” (Tradução própria) (Sugg, 2021)

²⁵ As *trends* são uma gíria de origem inglesa que significa tendências, tornou-se mais popular com a viralidade da rede social *TikTok*.

²⁶ Citação original: “The plagiarisms or copies that these brands mass produce are usually made from the designs of small independent or emerging brands. This makes the art and intention of said emerging designers not valued since they do not receive credit for their work, but rather another brand benefits from the simple fact of being “bigger” and more accessible to the public.”

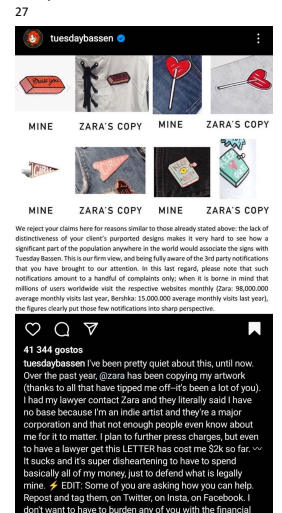


Figura 29 Imagem retirada da rede social Instagram da artista Tuesday Bassen onde mostra as cópias feitas pela marca de vestuário Zara, 2016

²⁸ Citação original: “Who would have thought that their business model was to have cheap enough prices that even an unemployed freshman in high school could fill her Instagram account with skimpy bikini pictures?”

NOTA: Exemplos de marcas que copiaram os designs da marca *Pangaia* que utiliza algodão reciclado e orgânico em vez de materiais não sustentáveis:



Figura 30 Comparação entre Shein e Pangaia (Zouitina, 2021), captura de ecrã, 2022

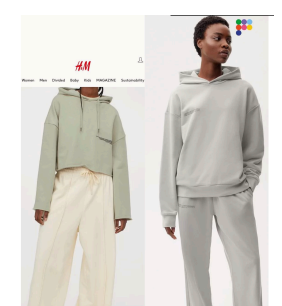


Figura 31 Comparação entre H&M e Pangaia (Zouitina, 2021), captura de ecrã, 2022

Em suma, falando de contextos ambientais são necessários 70 galões de água para produzir apenas uma t-shirt, ou seja, retomando o assunto da Tory Burch, apesar de ser uma marca de grife e não de *fast fashion* a estilista estava a vender as suas camisolas, inicialmente de sua autoria, por um valor dez vezes superior ao das artesãs que apenas fazem camisolas por encomenda e não têm stock de milhares de peças para serem vendidas em várias lojas e/ou online pelo país como tinha a estilista norte americana. Dada a retirada da peça a nível comercial, imagina-se o desperdício de recursos naturais que aquela produção terá feito.

3. METODOLOGIA

3.1. Trabalho de campo

Durante este ano que estive a desenvolver este estudo recorri por diversas vezes ao centro de formações das camisolas poveiras. É um pequeno espaço inserido no Museu Etnográfico da Póvoa de Varzim e consiste num grupo de pessoas (ver figura 32), nomeadamente senhoras, que querem aprender as técnicas de fazer uma camisola poveira para assim continuarem a passar entre gerações e nunca se perder esta tradição tão preciosa que a Póvoa de Varzim detém.

Ao longo das formações fiz uma análise e tentei perceber qual era o papel das artesãs naquele espaço. Grande parte frequentava as formações semanalmente por convívio, essas pessoas já sabiam fazer as camisolas e aproveitavam o tempo para fazer encomendas das camisolas poveiras ou outros pequenos trabalhos, ou seja, essas artesãs não faziam as camisolas por querer conhecer a tradição, mas sim para ganhar sustento com o artesanato. Ao contrário da outra parte, que frequentava as formações apenas por conhecimento da artesanaria, para aprender a tradição desta vila. Com a vinda da polémica houve uma maior procura para aprender a tricotar as camisolas por isso podemos dizer que o incidente com a estilista Tory Burch não trouxe apenas desagrados, trouxe aumentos na economia e gerou mais artesãs empreendedoras.



Figura 32 Grupo de pessoas que frequentavam as formações. Marília Santos, 2022

Todas as quartas-feiras da parte da tarde estes grupos se juntavam para tricotar e posteriormente bordar. O objetivo destas sessões é chegar ao fim com as aprendizagens todas que é necessário para fazer uma camisola porque consiste em diversos pontos específicos e alguns deles são bastante únicos que só se usam nestas camisolas (ver figura 33), cada camisola demora em média cinquenta horas a ser tricotada e bordada.



Figura 33 Detalhe de pontos de tricô das camisolas poveiras. Marília Santos, 2022

Como são peças feitas à mão cada uma torna-se numa peça única. Em algumas visitas que realizei aprendi alguns pontos de tricô (ver figuras 34 e 35) que eram necessários para começar a confeccionar uma camisola, desta forma consegui inserir-me neste núcleo e ajudou-me bastante a perceber certas realidades que enriqueceram o meu trabalho.

Durante este trabalho de campo fui falando com a responsável destas formações, Cármen Flores, que me foi tirando algumas dúvidas e foi contando partes da história das camisolas.



Figura 35 Detalhe de ponto das camisolas poveiras, que aprendi. Marília Santos, 2022



Figura 34 Detalhe de ponto das camisolas poveiras, que aprendi. Marília Santos, 2022

3.2. Entrevistas

Certamente que este trabalho não estaria completo se apenas tivesse lido livros e artigos sobre as camisolas poveiras. Um dos fatores que foi decisivo para eu conhecer mais sobre este artesanato foram as entrevistas que tive com a Dr.^a Deolinda Carneiro, diretora do Museu Etnográfico da Póvoa, que me esclareceu dúvidas e me contou sobre a história desde o início até aos dias de hoje. Foi nesta entrevista que a Dr.^a me elucidou sobre a falsa intervenção do povo Viking nas siglas.

4. CONCEÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

4.1. Descrição do processo

4.1.1. *Processo criativo*

Desde que comecei a fazer as primeiras pesquisas sobre este tema comecei a entusiasmar-me sobre como ficaria o projeto final então comecei a pensar em como poderia tornar este projeto real, como poderia mostrar as ideias que tinha. Como todos os investigadores principiantes neste tema liguei logo as siglas poveiras ao povo viking e comecei a estudar as runas e ver as semelhanças e como poderia usar isso em meu proveito. Passado pouco tempo conversei com a Doutora Deolinda onde me esclareceu as ideias de que realmente não havia qualquer ligação, então tive de desistir dessa ideia. Com a minha presença nas formações das camisolas poveiras pude observar que o que se destaca nesta arte são os desenhos escolhidos por cada artesã, o ponto de cruz acaba por ser dos passos principais para se tornar realmente uma camisola poveira e porque não usar essa característica? O ponto cruz como o próprio nome indica é um ponto que forma uma cruz e com a junção de vários fazem-se os desenhos. Depois de tomar a decisão que iria utilizar o ponto de cruz para a minha identidade visual fiz uma seleção de quais elementos poderia utilizar para a imagem principal. Usar elementos banais como peixes, flores ou siglas não fazia sentido na minha perspetiva até que quando continuava a minha pesquisa sobre a história das camisolas analisei o brasão da Póvoa de Varzim, cidade originária das camisolas, e quando juntei os dois elementos (a âncora a ponto de cruz) fez sentido para o meu projeto. Um dos objetivos que tinha era utilizar as assinaturas das artesãs para etiquetar as camisolas, visto que, cada uma é única e desta forma ficava marcado que aquela camisola foi feita à mão por uma artesã poveira.

Outro dos meus objetivos além da identidade visual era criar um website para a venda das camisolas, sempre que houvesse stock para ser vendido eram colocadas fotos ou tinham a opção de encomendar com as características que pretendiam. Durante este processo gostaria de ter tirado

fotos às camisolas para colocar no website, mas infelizmente as formações terminaram e já não tive essa oportunidade. Numa aula de metodologias de investigação e projeto, o professor comentou que podia fazer uma parceria com uma colega que estava a fazer um projeto com fotografia de produto para a realização das imagens do site, algo que poderá ficar para o futuro.

4.1.2. Experiências

Neste ponto podemos observar experiências que fui desenvolvendo até chegar a uma imagem final. Inicialmente, como referido anteriormente, achava que as runas vikings poderiam estar relacionadas com as siglas poveiras então decidi investigar um pouco sobre as mesmas e cheguei a alguns significados. Desenvolvi esboços e composições com essas runas, mas desde sempre sabia que uma das características principais da identidade visual seria o ponto de cruz, por ser o grande destaque das camisolas poveiras.

Algumas semanas depois fiz o teste do ponto de cruz numa âncora por ser um símbolo com bastante importância para a vila.

O resultado da âncora agradou-me e continuei a identidade visual a partir desse ponto.

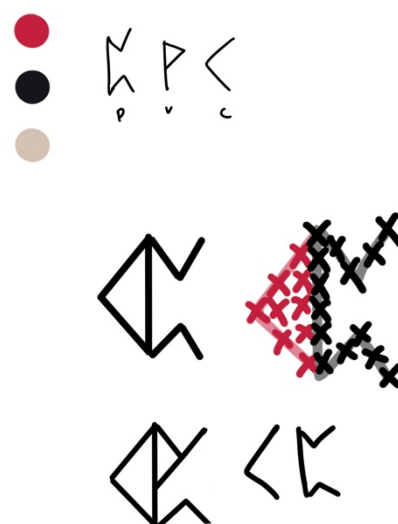
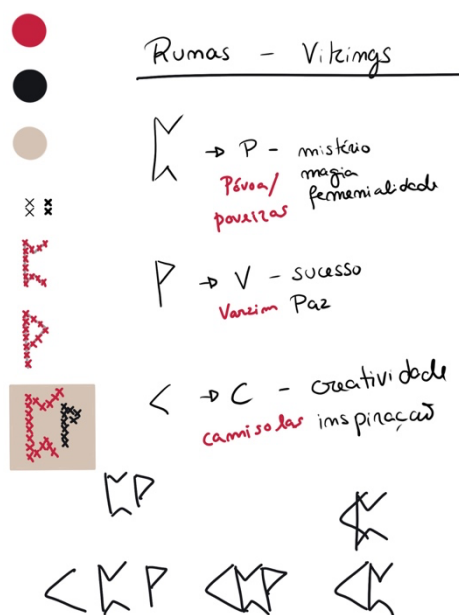


Figura 37 Estudo sobre as runas Vikings e seus significados

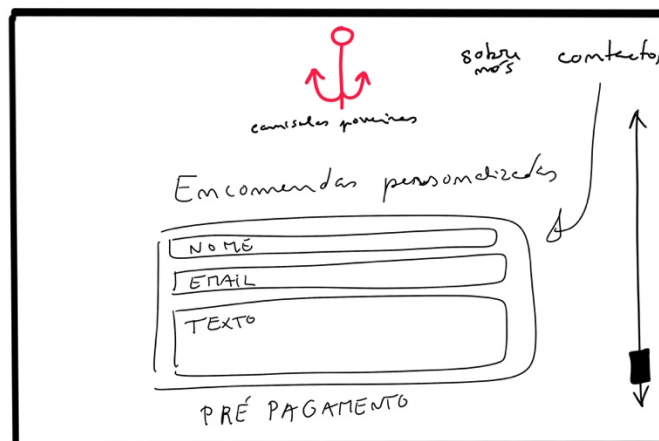
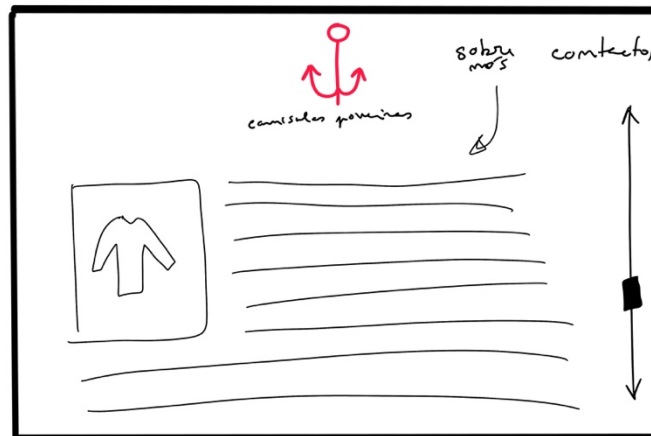
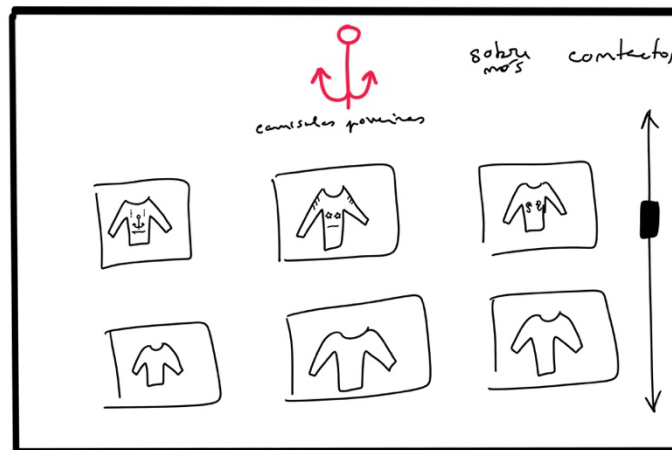
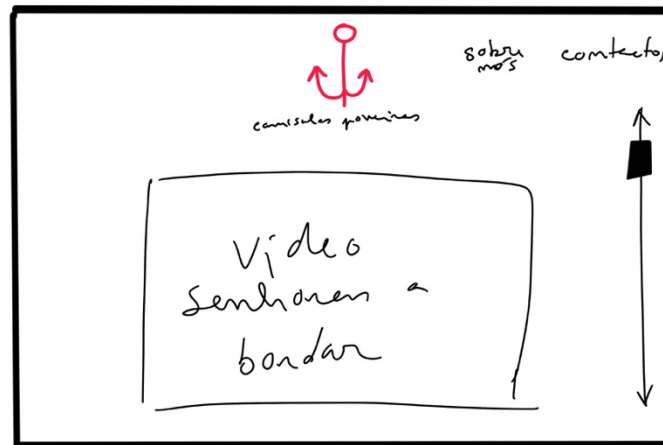
Figura 36 Estudo sobre um possível logo



Figura 38 Imagem da primeira experiência do logo



Figura 39 Primeira experiência na junção de todos os elementos



4.2. Descrição do resultado final

Depois de algumas tentativas de criação que me identificasse a mim e às camisolas cheguei a este resultado de apresentação de identidade visual.



O elemento principal da identidade visual é a imagem da âncora feito com pontos de cruz vermelhos. A ideia inicial era usar a escrita manual de cada artesã para escrever em cada etiqueta a palavra “camisola poveira” e posteriormente a sua assinatura por baixo. Assim como as camisolas a etiqueta também se torna algo único, ilustrando a ideia de que tudo é feito à mão.

Para este projeto era importante manter as três cores principais, o cru, o preto e o vermelho para manter o equilíbrio entre o design e as camisolas poveiras. (O ficheiro original encontra-se em apêndice com o nome: Identidade_Camisolas_Poveiras_Marilia_Santos.jpg)

Quanto ao resultado do website está praticamente funcional só faltaram limar algumas arestas. O objetivo era criar um website muito simples de usar e que fosse acessível tanto para pessoas mais jovens como para pessoas menos jovens. O site contém um pequeno vídeo ilustrativo na primeira página ao qual será para substituir por outro vídeo de artesãs poveiras a bordar. Logo de seguida contém um breve texto da história das camisolas poveiras. Depois é apresentada a loja com alguns artigos onde dá para seleccionar a peça que pretende e posteriormente adicionar ao carrinho, podendo seleccionar o tamanho e a quantidade. Em seguida da loja estão os contactos para possíveis encomendas ou perguntas em geral. Em anexo encontra-se uma gravação do site no seu estado atual e em funcionamento dentro dos possíveis. (Nos apêndices encontra-se um vídeo do website em funcionamento com o nome: Gravação_do_ecra_Site_em_funcionamento_Marilia_Santos.mp4)

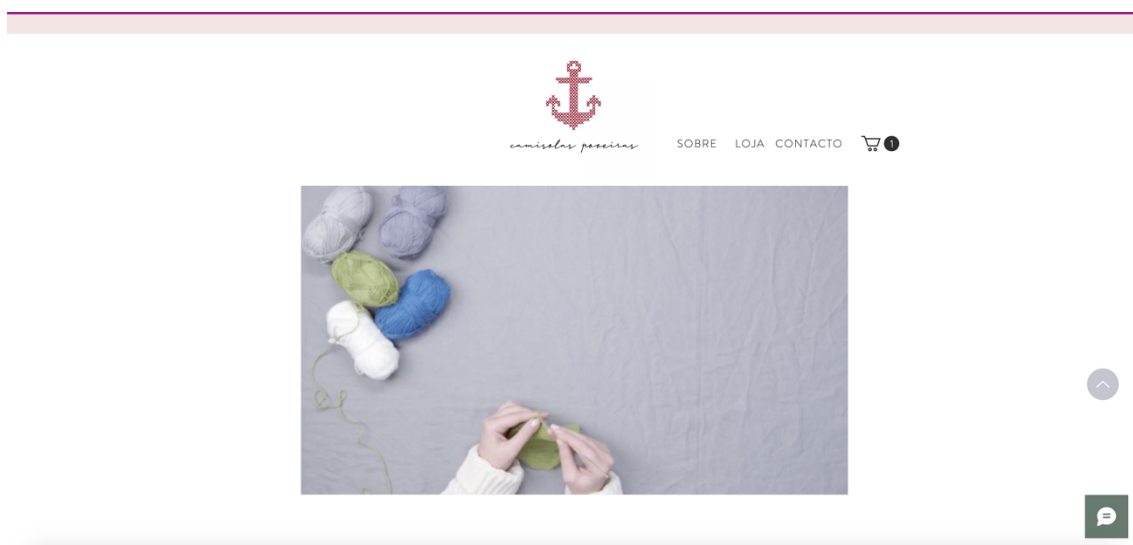


Figura 41 Captura de imagem do Website



A camisola poveira como a conhecemos hoje é uma camisola feita de malha natural (bege) com bordados a ponto de cruz pretos e vermelhos tradicionalmente da zona da Póvoa de Varzim.

A sua origem remete-nos para o século XIX e este tipo de camisola nesta época apenas servia como agasalho havendo sempre outra peça para a cobrir como um casaco ou sobretudo. Para os pescadores tratava-se de uma peça prática para o seu trabalho assim como era comum usarem apenas as ceroulas quando iam para o mar.

LOJA



Figura 42 Captura de imagem do Website

LOJA



Camisola Poveira de Maria Silva
100,00 €

Camisola Poveira de Lúcia Costa
100,00 €

Camisola Poveira de Margarida Teles
100,00 €

CONTATO

Para encomendas personalizadas, inclua na mensagem o tamanho, cor e elementos gráficos que pretende que estejam representados na camisola.

Nota: todos os pedidos personalizados requerem pré-pagamento



Figura 43 Captura de imagem do Website

CONTATO

Para encomendas personalizadas, inclua na mensagem o tamanho, cor e elementos gráficos que pretende que estejam representados na camisola.

Nota: todos os pedidos personalizados requerem pré-pagamento

Nome	Sobrenome
Email *	Telefone
Mensagem	

Enviar

Obrigado por enviar!

Figura 44 Captura de imagem do Website

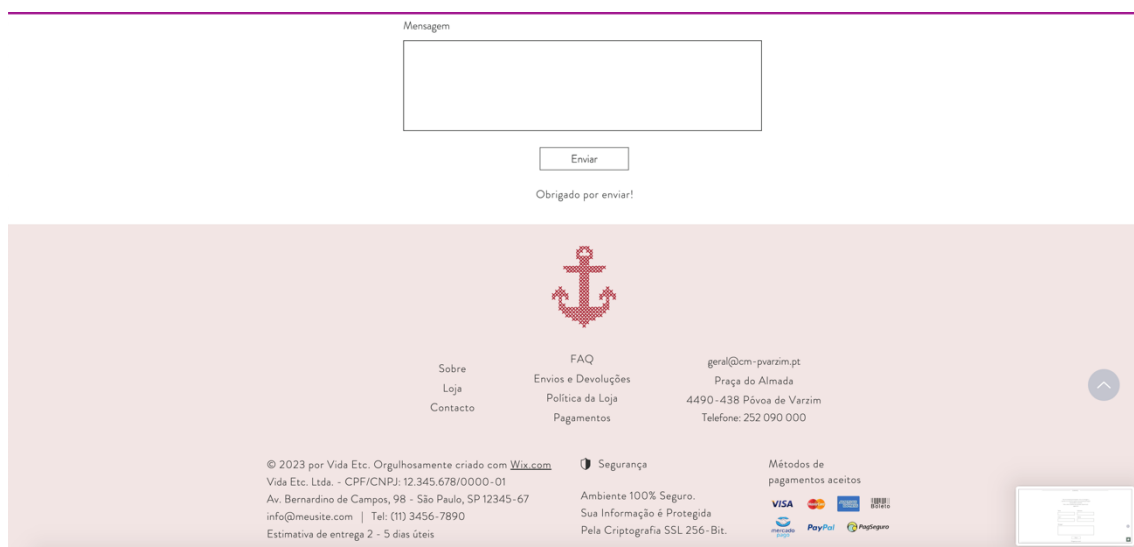


Figura 45 Captura de imagem do Website

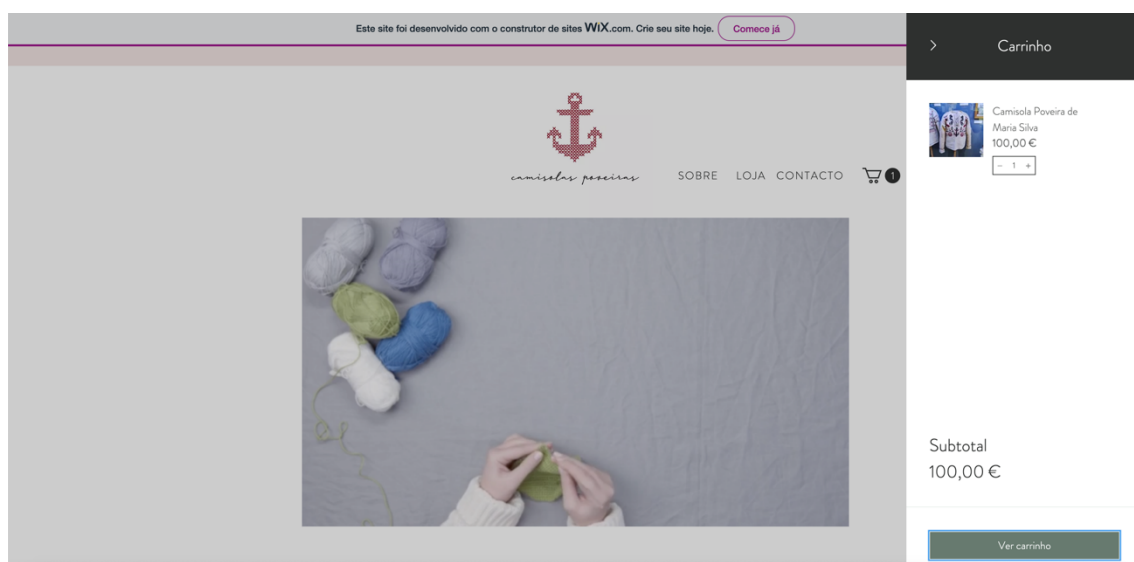


Figura 46 Captura de imagem do Website

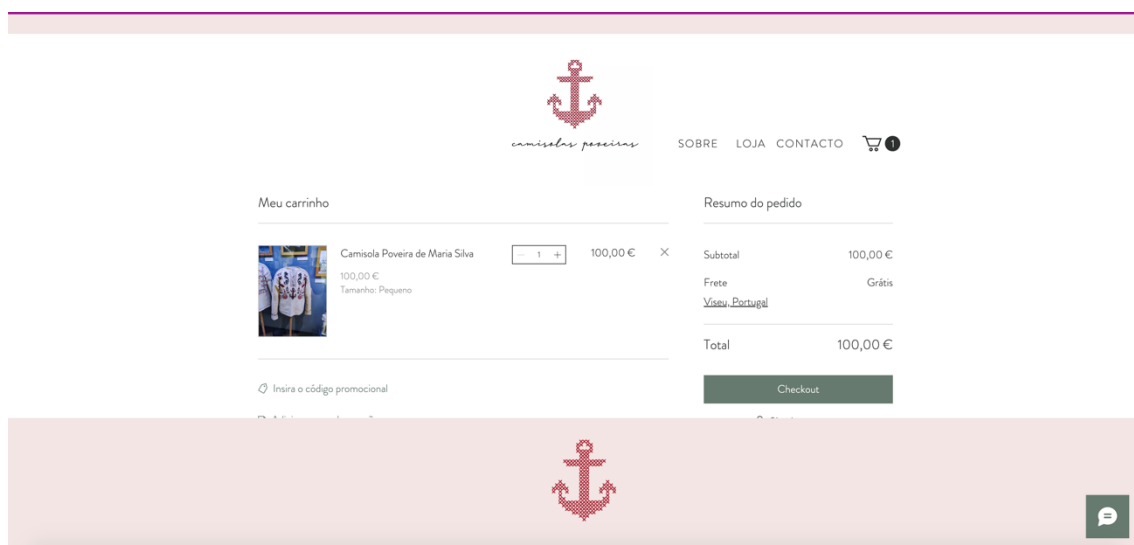


Figura 47 Captura de imagem do Website

5. CONCLUSÃO

Para concluir este projeto tenho a dizer que foi uma experiência imaginável ter aprendido sobre este artesanato e por sua vez as complicações que a cultura da moda pode gerar. Com certeza não deixarei de fazer tricô porque além de servir para enriquecer este trabalho acabei por gostar bastante e até considero uma terapia.

Futuramente pretendo continuar a trabalhar com design de comunicação na área do vestuário visto que é uma paixão que permanece dentro de mim.

Em contexto de aula (metodologias de projeto e investigação) o professor Heitor referiu que na sua licenciatura um professor tinha citado que “O designer faz rótulos de garrafas de vinho sem provar o vinho” (Afonso, 1987) e isso era tudo o que menos queria fazer ao realizar este projeto. Eu tinha a necessidade de colocar “as mãos na massa” para me integrar neste meio que é o artesanato.

O objetivo deste projeto, para além de fazer a identidade visual era ajudar as camisolas poveiras a serem reconhecidas como As Camisolas Poveiras e não pelo triste incidente com a designer de moda norte-americana. Quando houve este acontecimento abriram várias formações para pessoas aprenderem a tricotar estas camisolas, queriam aprender para se manter esta tradição dentro das gerações, mas e porquê só depois do sucedido? Porque não quiseram aprender mais cedo? Por falta de conhecimento? Por falta de interesse? Com este projeto pretendo que as camisolas cheguem a mais público e que possam ser reconhecidas além-fronteiras.

Sei também que há várias empresas que necessitam deste empurrão para surgirem no mercado de trabalho, mas não sabem por onde começar e esse é um dos objetivos futuros, ajudar outras marcas a serem reconhecidas e possivelmente fazer uma rede de designers ajudarem neste tipo de projetos onde empresas em incubadoras se possam candidatar para essa ajuda.

A nível curricular na área do design falta uma inserção para introduções de artesanias, o designer aprende alguma coisa com os outros e se o projeto que estiverem a desenvolver for relacionado com olaria porque não experimentar a arte da olaria e experimentar o barro? Para a formação dos

designers é importante trabalharem diretamente com os produtores e no meu projeto foi fundamental ter essa experiência para conhecer as técnicas e os materiais. Identificar as escolas de design da região que teriam interesse em ter uma colaboração com a artesanias locais aproximava as pessoas das artesanais locais e desta forma era uma maneira destas tradições não se perderem ao longo dos tempos. Esta inserção curricular só tem a dizer que o design tem a aprender com outras profissões.

Respondendo às questões anteriores pude observar que este interesse repentino teve como influência a defesa da tradição da sua terra. Os portugueses são patriotas e por este motivo não podiam deixar passar a oportunidade de estarem ainda mais dentro da tradição da sua terra. Juntando a parte do empreendedorismo e negócio a esta vontade de aprender pode-se perceber que talvez haja uma oportunidade de rendimento extra que causou bastante interesse na população. Há males que vêm por bens e este caso acabou da melhor forma para a vila da Póvoa de Varzim, quem não conhecia passou a conhecer as Camisolas Poveiras.

REFERÊNCIAS

- Afonso, P. J. (1987). Licenciatura em Design de Comunicação da ESBAP. *Heitor Alvelos, Referido numa aula de Metodologias e projetos de investigação em outubro de 2021*.
- AFP. (24 de Setembro de 2021). *Zara e estilistas são questionadas sobre "apropriação cultural indevida"*. Obtido em Agosto de 2022, de Exame: <https://exame.com/casual/zara-e-estilistas-sao-questionadas-sobre-apropriacao-cultural-indevida/>
- Araújo, J. (21 de Janeiro de 2012). *O desporto no início do século XX*. Obtido em Agosto de 2022, de Disciplina de História: <http://disciplina-de-historia.blogspot.com/2012/01/o-desporto-no-inicio-do-seculo-xx.html>
- Arnoni, R. (Janeiro de 2022). Entrevista sobre o artigo das marcas de gado nordestinas. (M. Santos, Entrevistador)
- Bearn, C. (21 de Setembro de 2017). *BANKSY CREATES HOMAGE TO BASQUIAT AT LONDON'S BARBICAN*. Obtido em Agosto de 2022, de Art Republic: <https://artrepublic.com/blogs/news/banksy-creates-homage-basquiat-londons-barbican>
- Bôas, B. V. (15 de Julho de 2020). *Analfabetismo cai no país, mas fica estagnado no Nordeste*. Obtido em Junho de 2022, de Valor Investe: <https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2020/07/15/analfabetismo-cai-no-pais-mas-fica-estagnado-no-nordeste.ghtml>
- Carneiro, D. D. (Novembro de 2021). Entrevista sobre a história das camisolas poveiras. (M. Santos, Entrevistador)
- Chapman, C. (s.d.). *Following Trends: Homage vs. Design Plagiarism*. Obtido em Agosto de 2022, de Toptal: <https://www.toptal.com/designers/graphic/design-plagiarism>
- Chatterjee, A. (2017). *Designrascar: Identifying Vectors of Creativity in Restrictive Circumstances*. Universidade do Porto, Porto.
- Cipriano, R. (2017). *Da corunha a Lisboa passando pelo Douro: durante 200 anos, os vikings pilharam a Península Ibérica*. Obtido em Junho de 2022, de Observador: <https://observador.pt/especiais/da-corunha-a-lisboa-passando-pelo-douro-durante-200-anos-os-vikings-pilharam-a-peninsula-iberica/>
- Coentrão, A. (2021). Tory Burch acordou os poveiros para o real valor da sua camisola? *Público*.
- Especialistas discutem os limites entre homenagem, apropriação e plágio nas diferentes linguagens artísticas*. (29 de Março de 2013). Obtido em Agosto de 2022, de Gauchaz: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2013/03/especialistas-discutem-os-limites-entre-homenagem-apropriacao-e-plagio-nas-diferentes-linguagens-artisticas-4090554.html>
- Etnografia*. (s.d.). Obtido em Agosto de 2022, de Póvoa Beiriz Argivai: <https://www.povoabeirizargivai.pt/index.php/etnografia/>
- Freitas, I. D. (26 de Março de 2021). *Camisola poveira: a apropriação cultural é uma constante na história da moda?* Obtido de Público: <https://www.publico.pt/2021/03/26/impar/noticia/camisola-poveira-apropriacao-cultural-constante-historia-moda-1956116>

- Graça, S. (1998). *O Poveiro*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Herrmann, A., & Glotfelty, R. A. (17 de Setembro de 2018). *INFLUENCE, HOMAGE, AND ORIGINALITY IN THE ART WORLD*. Obtido em Agosto de 2022, de Axiom Gallery: <https://axiomgallerywp.com/educational/influence-homage-originality>
- LMA. (2016). *Zara Accused Of Stealing Designs From Independent Artists, And Here's The Evidence*. Obtido em Agosto de 2022, de Bored Panda: https://www.boredpanda.com/zara-stealing-designs-copying-independent-artists-tuesday-bassen/?utm_source=google&utm_medium=organic&utm_campaign=organic
- Magaiver, S. (7 de Dezembro de 2018). *A diferença entre plágio, cópia, referência e homenagem*. Obtido em Agosto de 2022, de Escola Nomade para Mentes Criativas: <https://escolanomadeparamentescriativas.com/sala-de-aula/ensinamentos-de-sao-magaiver/a-diferenca-entre-plagio-copia-referencia-e-homenagem/>
- MAGDALIA. (12 de Abril de 2018). *PLAGIARISM*. Obtido em Agosto de 2022, de <https://sites.psu.edu/magdaliapassionblog/2018/04/12/artistic-plagiarism/>
- Plágio*. (23 de Setembro de 2021). Obtido em Agosto de 2022, de Wikipedia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pl%C3%A1gio>
- Plagiarism vs Homage*. (4 de Março de 2015). Obtido em Agosto de 2022, de Dream Sandlines: <http://dreamsandlines.weebly.com/first-things-first/plagiarism-vs-homage>
- Proença, A. C. (2019). *O artesanato têxtil na região da Guarda: um estudo etnográfico para a preservação do património*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Puglise, N. (21 de Julho de 2016). *Fashion brand Zara accused of copying LA artist's designs*. Obtido em Agosto de 2022, de The Guardian: <https://www.theguardian.com/fashion/2016/jul/21/zara-accused-copying-artist-designs-fashion>
- Ramos, M. (13 de Junho de 2021). *Apropriação Cultural: Uma questão de respeito e de contexto*. Obtido em Agosto de 2022, de Magazine: <https://escsmagazine.escs.ipl.pt/apropriacao-cultural-uma-questao-de-respeito-e-de-contexto/>
- Rodrigues, I. C. (2020). *Design e Artesanato: Implementação da Tecelagem de Almalaguês em novos produtos*. Dissertação, Porto.
- Sugg, L. (28 de Março de 2021). *It's time to break down the fast fashion industry*. Obtido em Agosto de 2022, de The Wellesley News: <https://thewellesleynews.com/2021/03/28/its-time-to-break-down-the-fast-fashion-industry/>
- Szewczyk, N. (2022). *Theft or Homage? Inspiration or Plagiarism?* Obtido em Agosto de 2022, de Created by nina: <https://createdbynina.com/Theft-or-Homage-Inspiration-or-Plagiarism>
- Torres, M. (1 de Novembro de 2017). *Plágio, Cópia e Homenagem, entenda as diferenças*. Obtido em Agosto de 2022, de Design Culture: <https://designculture.com.br/plagio-copia-e-homenagem-entenda-as-diferencas/>
- Twain, M. (1906). *Autobiografia de Mark Twain*.

- Vilar, L. (13 de Novembro de 2018). *Runas e pedras rúnicas: guia visual*. Obtido em Agosto de 2022, de Neve 2012: <http://neve2012.blogspot.com/2018/11/runas-e-pedras-runicas-guia-visual.html>
- Zouitina, N. (24 de Agosto de 2021). *Fast Fashion: Art or Plagiarism?* Obtido em Agosto de 2022, de The Next Cartel: <https://thenextcartel.com/discover/fast-fashion-art-or-plagiarism/>